

**O ESTRANHO CASO DA VOGAL *BREATHY*  
*VOICED* EM PE  
EVIDÊNCIAS A PARTIR DA ANÁLISE A UM DOS  
DIALETOS MADEIRENSES**

Carlos Sousa e Silva (\*)

silvacarlosrogerio@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

**RESUMO.** O arquipélago da Madeira, (re)descoberto em 1419, foi, durante os séculos XV e XVI, povoado sobretudo por portugueses cuja origem geográfica é ainda muito discutível. O certo é que, por ser uma região de grande variedade, os seus múltiplos dialetos, especialmente os mais isolados, tornam-se interessantes para os estudos linguísticos, por um lado pela conservação de marcas bem vincadas de fases arcaicas do português, por outro pelos diversos paralelos fonéticos com várias regiões do continente, desde Trás-os-Montes até Sagres, e, por fim, pelas inovações próprias que desenvolveu durante quase 600 anos de autonomia linguística.

**PALAVRAS-CHAVE.** Dialectos, Madeira, traços fonéticos, fonológicos e morfológicos.

**ABSTRACT.** Madeira's archipelago was (re)discovered in 1419. During the fifteenth and sixteenth centuries, it was colonized mainly by portuguese people whose geographical origin is still doubtful. The truth is that the dialectal variety in the region makes its many dialects, especially the most isolated, fascinating for linguistics' researchers. On the one hand because they often preserve marks from archaic phases of portuguese language; on the other hand, because there are several phonetic parallels between these dialects and those who are spoken in different regions of the mainland from Trás-os-Montes to Sagres, and finally, because many innovations were developed during almost 600 years of linguistic autonomy.

**KEY-WORDS.** Dialects, Madeira, phonetic, phonological and morphological features.

---

\* Estudante do 1.º ano do curso de Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas, perfil Bidisciplinar Português e Línguas Clássicas, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

## *1 - Introdução*

Neste trabalho, concernente à variação linguística do Português Europeu, apresentaremos e analisaremos uma amostra dialetal de um dos dialetos madeirenses, tendo em particular atenção aspectos fonéticos, fonológicos e morfológicos e, posteriormente, problematizando aqueles que consideramos mais relevantes, tanto pela sua singularidade, como pela ausência dos mesmos em descrições dos dialetos madeirenses anteriores a esta.

Como sabemos, vários autores já se têm manifestado, com razão, sobre a não uniformidade no que toca às características linguísticas das áreas habitadas do arquipélago da Madeira, denunciando antes a pluralidade de dialetos que nelas encontramos, os quais, apesar de terem algumas características em comum, têm vários traços que os distinguem.

O presente trabalho, para além de visar documentar os vários fenómenos de variação linguística de uma das localidades da ilha, pretende ser o primeiro passo de uma análise massiva, exaustiva e detalhada dos dialetos madeirenses, tendo, deste modo, como objetivo não ser apenas uma pequena recolha e decomposição de uma amostra dialetal, mas uma introdução a uma investigação de maiores dimensões.

O interesse nestes dialetos torna-se, como iremos demonstrar, óbvio, por um lado, pela descoberta de traços que contradizem as observações anteriores dos grandes dialetólogos do português no que se refere a estes dialetos e, por outro lado, pela possibilidade de, uma vez verificadas marcas de fases arcaicas do Português, podermos gravar a produção espontânea de enunciados deste tipo no século XXI, que porventura nos dariam acesso à forma como certas palavras eram pronunciadas ou certas construções eram feitas pelos falantes nativos da nossa língua em fases das quais não temos quaisquer registos áudio.

Para além disso, sempre que possível, daremos conta do paralelismo entre os fenómenos aqui encontrados e casos análogos nos dialetos de Portugal continental, procurando, de alguma forma, obter pistas sobre a origem geográfica dos colonos da localidade onde foi feita a recolha.

## *2 - Enquadramento teórico*

De facto, a língua é um sistema diversificado, um organismo vivo, que apresenta, por norma, quatro tipos de variação: diatópica, diacrónica, diastrática e diafásica.

A primeira delas, que será o principal objeto do presente artigo, tem que ver com diferenças linguísticas tendo em conta o espaço geográfico; a segunda, que constituirá uma espécie de objeto secundário, trata de mudanças ao longo do tempo; a diastrática, por seu

lado, prende-se aos diferentes estratos socioculturais, enquanto a diafásica, às mudanças de registo em diferentes situações/contextos.

Uma vez que nos concentraremos principalmente na variação diatópica, é essencial que se introduza a noção de dialeto. De facto, segundo Vasconcellos e Cintra, um dialeto é uma variante regional de uma língua, com maior ou menor grau de afastamento em relação à norma padrão. Dentro do estudo dialetal pode fazer-se um estudo ainda mais específico, pois eles destacam-se da norma pelas diferenças quer em traços fonéticos, quer em fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e até lexicais.

Os dialetos madeirenses são incluídos por Cintra no grupo dos ‘dialeto insulares’, que por sua vez se integraria no grupo dos dialetos centro-meridionais. Estes dialetos foram já, na verdade, amplamente descritos em termos lexicais (cf. Figueiredo: 2011, Silva: 2013, e muitos outros que organizaram os ‘regionalismos’ em elucidários e dicionários), mas parcamente analisados sob o olhar das outras áreas.

Ao nível fonético, uma das poucas descrições que temos é a de Vasconcellos e a de Rogers (1946), que o corrobora e completa, defendendo que são “oito as características fonéticas do dialeto da Madeira”:

1. Ditongação em [uj] de [i] tónico (e.g. ‘bonito’)
2. Realização de [y] em contexto de [u] tónico (e.g. ‘escudo’)
3. Realização de [ɸ] em contexto de [a] tónico (e.g. ‘casa’)
4. Realização de [ɸuɸ] nos casos que que na norma se diz [oɸ] (e.g. ‘pessoa’)
5. Adição de um [ɸ] aos [o] acentuados finais (e.g. avô)
6. Ditongação em [we] de [e] tónico (e.g. ‘mês’)
7. Substituição de [l] pela consoante palatal [ʎ] (e.g. ‘vila’)
8. Emprego de uma “special melody”

Algumas destas características foram, de facto, verificadas, mas muitas não, por duas razões. Primeiramente, porque esta é uma descrição feita na primeira metade do século XX, portanto é natural que os dialetos falados hoje tenham sofrido alguma transformação; em segundo lugar, porque aquilo a que Rogers chama “dialeto da Madeira” é uma análise aos dialetos da parte sul e oriental da ilha, região linguisticamente mais uniforme por ser menos montanhosa, que representa um quarto da sua proporção total e não abrange zonas como a analisada no presente artigo. Portanto, há que olhar com alguma desconfiança para a bibliografia escrita sobre o assunto.

Neste estudo, como na maioria dos estudos feitos na área da dialetologia, procuramos recolher amostras de fala junto dos falantes, conforme a metodologia que vamos apresentar de seguida.

### *3 - Metodologia*

A amostra que serve de base a este trabalho, gravada com consentimento explícito do informante na sua casa no dia 6 de maio de 2016, foi obtida por indução, *id est*, através de uma entrevista na qual, numa conversa livre e espontânea (sem quaisquer trechos lidos), se pedia ao informante que falasse de recordações da sua infância/juventude ou das vivências da população daquela localidade. Para além disso, asseguramos a manutenção do anonimato do entrevistado.

Da entrevista resultou uma gravação de cerca de 70 minutos de fala, da qual selecionamos uma porção de 1 minuto e 12 segundos que nos pareceu dar conta dos principais e mais intrigantes fenómenos fonéticos, fonológicos e morfológicos que se evidenciam neste dialeto.

A mesma foi, posteriormente, sujeita a uma transcrição fonética estreita, que iremos apresentar de seguida, não obstante ter sido observada a totalidade da gravação; por isso, poderemos, pontualmente, para sustentar a nossa argumentação, fazer transcrições fonéticas de outros casos conformes que fazem parte de outros momentos da amostra que não o que é aqui analisado em detalhe.

Por fim, passamos em revista a principal bibliografia sobre o assunto para vermos os pontos em que a nossa amostra convergia com as investigações já feitas e em que pontos divergia. Para justificar os casos de divergência ou sobre os quais há carência de informação, procuramos fontes suplementares, as quais foram, de facto, mais ou menos esclarecedoras para um dos fenómenos. Quanto aos restantes, porque não encontramos descrição que os cobrisse, podemos considerá-los completamente inéditos.

### *4 - Caracterização do informante*

Visando obter um retrato dialetal o mais fiel possível, procuramos que o informante desta recolha fosse um indivíduo linguisticamente em “estado puro”: falante monolíngue do Português; com um aparelho fonador totalmente saudável e, por isso, com excelente dicção; com contacto praticamente nulo com quaisquer outros dialetos, quer do continente, quer da própria ilha ao longo da sua vida; e de pais que tivessem nascido e vivido no mesmo local.

#### 4.1 - Dados do entrevistado

O indivíduo entrevistado tinha, à data da entrevista, 62 anos e era do sexo feminino, tendo passado toda a sua vida, desde o nascimento até ao presente, naquele mesmo sítio do Luzeirão, pertencente à freguesia do Jardim da Serra do concelho de Câmara de Lobos na Região Autónoma da Madeira, que, pelo seu difícil acesso, se manteve isolado do resto da ilha durante os vários séculos que se seguiram à sua colonização. É por esta razão que, tanto quanto cremos, persistem traços de fases mais antigas do Português.

IMAGENS 1. E 2. Localização exata do local da recolha e imagem panorâmica



Fonte: <https://www.google.pt/maps/place/Jardim+da+Serra/@32.6911563,-17.0056203,5166m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xc605ec7e3a25655:0x5503ee74ee59a1ef18m2!3d32.6876865!4d-16.9919424>

OBS.: O Jardim da Serra, parte do concelho de Câmara de Lobos, localiza-se nas zonas habitáveis mais altas da cordilheira centro-sul da ilha da Madeira, ocupando a faixa dos 900 metros.

Por esta razão, esta localidade manteve-se isolada durante muito tempo e os acessos para automóvel só se começaram a construir a partir da década de 70 do século XX.

Tal como a maioria da população com o mesmo perfil sociodemográfico, a informante não sabia ler nem escrever e era bordadeira de profissão.

#### 4.2 - *Dados dos pais da entrevistada*

Tanto o pai como a mãe da informante, como já foi referido, passaram toda a sua vida, do nascimento à morte, no sítio do Luzeirão, parte da freguesia do Jardim da Serra e nenhum deles sabia ler ou escrever. O seu pai era agricultor e a sua mãe bordadeira, profissões muito típicas do meio rural madeirense do século XX.

#### 5 - *Transcrição Fonética*

Segue-se a transcrição fonética da amostra em análise:

[k'riɛ vir maz ɐ ær'mã: 'clar 'ɔrɛ 'ɛrɛ u majʃ pki'ninj kɛ̃j ɛ k nɛ̃ k'riɛ vir 'tave s 'vɛd 'ɛrɛ s 'sĩku i e<sup>w</sup> 'za ʎ 'tave sɔ'ziju jamu nɛ 'sej kɛ̃j 'nɛ̃ 'sej kɛ̃j 'tave | nɛ̃w 'ɛrɛ 'fiʎuj 'nɛ̃j 'fiʎɛʃ 'puk 'ɛru 'toduf pki'nijuf i elɪ dif k 'disi k k'riɛ vir maz ɐ 'tie: k'riɛ vir maz ɐ 'mijɛ 'tie: k 'ɛrɛ ɐ ær'mã i 'elɛ dif k u k faj k 'pɛgɛ l nɛ mɛ̃w'zujɲɛ | 'eʎi tiɲɛ 'trez 'enuʃ 'pɛgɛ nɛ mɛ̃w'zujɲɛ i k 'tros | maz 'eli vi'viu aku'la i 'sime nu se'adu i 'elɪʃ pɛ'saru 'ift 'tudu i u d'pojʃ ki 'ɛrɛ nu nɛj vɛ'redaf i ʃgaru eki 'fɔrɛ k ɛ nu 'otu d 'fɔrɛ i ɐ tie d'zie k ew nɛ̃w vĩ kɔ̃ 'elɪ plu pur'taʃ ɐ'bajʃu | ew fuj ter aj 'ejrɛ | 'ɛrɛ k nɛ'keʃ 'tɛ̃pu 'ɛrɛ k ɐ'vie æ'kelez 'ejrɛʃ i 'elɛ 'disi i vɛ̃j prɪ 'bajʃu ter aj 'ʎɔjzɛʃ i 'kɛ̃du 'ʃɛɣu aj 'ʎɔjzɛʃ 'tave ũɛ tia 'desɛʃ 'tave bur'dɛ̃ð i 'elɛ 'dif k 'disi | tiɲɛ: i zu'ɛ̃w k'riɛ vir maz ew | i 'elɛ 'disi | i pɛ k nɛ̃w lu tro'sɛʃtiʃ ɐ tie disi i puk nɛ̃w lu tro'sɛʃtiʃ | i 'elɛ 'disi ɛʃ ta ki | i 'elɛ 'disi | ew puʒ lu a'si ɐ'traf iʃkɔ̃'ðiðu i 'dis 'eli ta ki i dif k ɛfɛʃ'towɛ i iθ i u paj fi'ko la ɐ'tɛ oʃ dze'sɛt 'enuʃ u d'pojʃ 'ovi ũ b'ziju d]<sup>1</sup>

#### 6 - *Comentário dialetal*

Neste “pequeno tesouro dialetal”, se, por um lado, confirmamos alguns dados de investigações anteriores, por outro, descobrimos outros completamente novos e inesperados.

##### 6.1 - *Ditongação e Monotongação*

Confirmando a análise de Ferreira (1996: 497), atesta-se a ditongação da vogal acentuada [i], particular nos dialetos madeirenses. No entanto, os ditongos que resultam deste fenómeno vão além dos já registados [ɛj] e [ij]. Do primeiro não encontramos

---

<sup>1</sup> Note-se que, porque esta transcrição procurou ser o mais rigorosa possível, contém algumas sequências de sons da fala sem qualquer significado relevante, marca de hesitações no discurso durante a sua emissão, nomeadamente [i θ] e alguns [i] e [ ] prolongados.

qualquer vestígio e, por esta razão, é possível que não exista no dialeto falado nesta localidade. Por outro lado, o último caso - [ij] - evidencia-se em [tije], realização fonética de <tia>. A estes, acrescenta-se ainda o ditongo [uj], visível igualmente no contexto de [i] tónico, que podemos exemplificar tanto numa outra parte da gravação em [tuju] (<tio>), como através de palavras que têm sufixo -zinho, evidente na transcrição desta amostra em [mẽw'zujne]. Para além disso, nesta alternância entre os ditongos [ij] e [uj], nota-se uma certa regularidade, que nos parece advir de um fenómeno de harmonização vocálica<sup>2</sup>, tendo-se verificado que, por exemplo, quando um [i] tónico aparece numa palavra feminina, há mais tendência para a ditongação em [ij], e, por outro lado, quando ocorre numa palavra masculina, é o ditongo [uj] que se forma; cf. [tije] e [tuju].

Outro caso congénere acontece com a vogal [ɔ] quando tónica, formando ditongo em [ɔj] como em ['ʎɔjɛ]. Porém, tanto neste caso como no anterior, a falante alterna várias realizações; veja-se que o mesmo já não acontece em ['fore]. Da mesma forma que [eki] ou mesmo [tie] são perfeitos contraexemplos para um dos casos acima apresentados; ainda mais neste último, uma vez que ao nível lexical se trata exactamente do mesmo vocábulo - tia - que, mesmo nesta pequena amostra, apresenta realizações fonéticas diferentes.

A ocorrência deste fenómeno no caso particular de ['ʎɔjɛ] pode ter outra justificação aceitável. A palavra <loja> tem como forma antiga <logia>, por isso, segundo este outro eixo de visão, a causa do ditongo já não seria [ɔ] tónico, mas uma metátese, um movimento do fonema /i/ para a sílaba anterior.

Podemos ainda pôr a hipótese de ditongação de vogal tónica antes de consoante [ʒ] pelo menos, como propõe Rogers (1946: 249) a propósito da análise fonética do dialeto de Santa Cruz (localidade situada no litoral sul do lado oriental da ilha), fenómeno que tem par nos dialetos setentrionais, nos quais é comum a ditongação de vogal tónica antes de consoante palatal; *e. g.*, reba[j]nho, lo[j]ja, a[j]cho.

Quanto ao ditongo [ej], verifica-se a não monotongação, pelo menos nesta parte da gravação, como é visível em ['ejre]. Contudo, esta questão ainda está em estudo, pois, noutras partes da gravação, aparentemente, há monotongação, nomeadamente quando este

---

<sup>2</sup> Sobre este fenómeno, leia-se Carr (2008)- 'vowel harmony'.

ditongo, mesmo acentuado, se encontra no meio ou no fim de palavra, sendo então realizado como [e], à imagem dos dialetos centro-meridionais<sup>3</sup>(Cintra 1983: 143; 160-161).

O ditongo [ow], por seu lado, se no início ou no meio de palavra, é realizado, como regista a literatura, como [o], conforme ['otu] (<outro>) e [tro'sɛftɨ], quando ocorre no fim de palavra, não só ditonga, como nos dialetos setentrionais, mas tritonga e é realizado como [owe]. Este fenómeno é particularmente visível nos morfemas que marcam a terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo; tomemos como exemplo [ɛfɛʃ'towe] e, em parte da gravação que não deste fragmento, [pɛ'gowɛ] (pela análise que fizemos asseguramos firmemente que este [ɛ] não é de forma alguma o clítico acusativo).

Há ainda outros casos de monotongação sobre os quais não encontramos qualquer estudo anterior a este, pelo menos em relação a estes dialetos. Um destes fenómenos acontece com o ditongo [aj] que monotonga em [a], mas apenas quando seguido de consoante vozeada, como se verifica se opusermos [maz ɐ ær'mã] a [majʃ pki'nĩyy], estando nós certos de que a continuação da análise à totalidade da amostra trará outros exemplos. Outro caso muito frequente é o da monotongação e, simultaneamente, desnasalização da terminação da terceira pessoa do plural [ẽw̃] - comum a vários tempos verbais - em [u], como vemos em ['eli vi'viu], [pɛ'saru] e [ʃgaru]. Contudo, o mesmo ditongo, no advérbio [nẽw̃] apresenta uma realização mista, ora pronunciado conforme a norma, ora como [nẽ], ora até desnasalizado, e.g., [nɐ]. Assim, se não for encarado como uma inovação, este traço pode bem ser considerado, mais uma vez, uma conservação rara de um traço arcaico, que poderá remontar ao 'romance galaico', como se pode verificar, ainda que de forma difusa, em Paz (2008: 54).

## 6.2 - Vogais

À semelhança do que acontece na área subdialetal do Baixo-Douro e Minho Litoral, verifica-se abertura de [a] em contexto nasal, pelo menos quando em sílabas tónicas de núcleo não ramificado, como vemos em [æɾ'mã].

Em oposição, existe um fechamento de [õ] em [ũ], algo que é visível noutra momento da entrevista e que, no território continental, ocorre apenas em algumas zonas de Trás-os-Montes, pelo menos em 2016; nota-se que Vasconcellos estende este fenómeno a

---

<sup>3</sup> Este trabalho usará em toda a sua extensão as designações de Lindley Cintra sempre que pretender enquadrar ou comparar este dialeto insular com algum dos do território continental.



todo a país à exceção do Alentejo e Algarve (1987: 87) e também atesta a sua existência na Madeira (1987: 130). Isto evidenciou-se na realização da palavra <pontinha> como [pũ'tiɲe]. A verdade é que esta seria uma ocorrência expectável no PE no século XXI, uma vez que nesta variedade se aplica a regra do vocalismo átono; no entanto, este fenómeno, na maioria dos dialetos, não se estende às vogais nasais, contrariamente ao que aqui se observa.

Para além disso, tal como nalguns dialetos alentejanos, verifica-se, por vezes, um alongamento das vogais em sílabas finais, perceptível em [æɾ'mã:] e em [tiɛ:], por exemplo.

Por fim, introduzindo desde logo o ponto seguinte, embora persistam dúvidas quanto à classificação de algumas vogais, reconhecemos uma característica que aproxima este dialeto daqueles que são falados na área subdialeto da Beira Interior e Alto Alentejo e do “subdialeto de Sagres” (Ferreira, 1996: 496), isto é, a palatalização de [u] em [y], apesar de isto ocorrer não com muita frequência e num contexto fonológico ainda a determinar.

Por outro lado, em [æɾ'mã:], identifica-se a despalatalização de [i] em [æ], da qual aqui também só se encontram vestígios, mas que, numa entrevista feita na freguesia vizinha, situada a menos 150 metros de altitude, a um indivíduo do mesmo sexo e idade, encontramos de forma muito recorrente e não apenas neste contexto.

### 6.3 - Palatalização e despalatalização

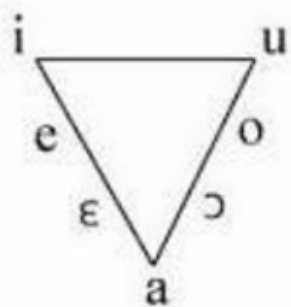
Outro caso peculiar nestes dialetos é a palatalização de /l/ precedido de vogal ou semivogal palatal (Ferreira, 1996: 497), algo visível em [aj 'ʎɔjʒɛʃ] (<as lojas>). O que a literatura não diz é que esta palatalização se estende a mais casos.

Nesta amostra, para além da regularidade deste traço no contexto fonológico acima referido, há contextos aparentemente irregulares/aleatórios em que esta marca também se verifica em [eʎi] e [ʎ] isolado, querendo significar <ele>, mas não em [eli]. Na verdade, estes casos não são tão irregulares quanto isso e podem ser facilmente explicados através da “fonologia dos elementos”<sup>4</sup>. Observe-se, então, a seguinte figura:

---

<sup>4</sup> Sobre este assunto, leia-se Schane (1984).

FIGURA 1. Triângulo vocálico tradicional do Português



No caso de [aj 'ʎɔjzɐʃ], o /l/ palataliza por influência de /i/, que é a vogal mais palatal de todas, tendo como elementos na sua composição um {I} em posição de cabeça e outro {I} como operador, ou seja, /i/ = {L I}.

Por sua vez, a alternância entre ['eʎi] e ['eli] pode ser explicada pelo facto de /e/ ser uma vogal que continua a ter uma marca de palatalidade, mas misturada com abertura, *id est*, /e/ = {L A}. À medida que a palatalidade se vai apagando da vogal anterior, este fenómeno vai-se tornando cada vez menos provável, como denota ['elɐ]<sup>5</sup>, que ocorre seis vezes neste fragmento da gravação sem que em nenhuma delas haja palatalização.

Existem, simultaneamente e em contraste, fenómenos de despalatalização que denunciam uma assimetria neste traço. Nesta parte da amostra, temos, por exemplo, o pronome pessoal átono do caso dativo, *-lhe*, que é realizado como [l], como vemos em ['peɣe l].

Porém, o mais interessante de entre estes casos de palatalização é o que se verifica na realização do morfema de plural. De facto, neste dialeto madeirense (bem como em alguns outros), os alofones do /s/ marcador do plural em português não são três, mas quatro, podendo ser [ʃ], [ʒ], [z] ou [j]. A forma palatalizada - [j] (ou [i] se for imediatamente precedido de consoante) - pode não só ocorrer nos artigos, mas também nos nomes e pronomes, veja-se os casos de [aj 'ʎɔjzɐʃ], ['fiʎuj 'nɛj 'fiʎɐj] e ['eli vi'viu]. Contudo, ficam as questões: que motivação terão estas realizações? Será uma sobrevivência do plural em -i

---

<sup>5</sup> /ɛ/ = {A, I}

do latim, que persiste ainda hoje em línguas como o Romeno e o Italiano? Será que a sua ocorrência tem que ver com algum contexto fonológico específico?

#### 6.4 - [y]

O título deste artigo, por ser um dos aspetos mais curiosos, é a descoberta, a partir desta amostra dialetal, de várias ocorrências de vogais *breathy voiced* em Português Europeu, fenómeno descrito para o Português do Brasil, embora para uma situação completamente inversa àquela que encontramos neste dialeto.

Dinah e Yonne, numa análise ao PB norma-padrão (que, como se sabe, apresenta certas parecências com os dialetos madeirenses), dizem que é possível que as vogais depois da sílaba tónica possam ser “murmuradas”. Observe-se:

“ Se, porém, devido ao afastamento das aritenoides houver uma pequena abertura na glote, o som resultante não é mais sonoro e sim sussurrado. Em português ocorrem vogais sussurradas em variação com vogais sonoras. Numa palavra como 'lingüística', as vogais após a sílaba tónica podem ser pronunciados com sonoridade ou com sussurro. ”

(Dinah e Yonne 2009: 20)

A segunda descoberta é que, ao contrário daquilo que, segundo os autores citados, ocorre no PB, neste dialeto do PE, conforme evidências encontradas nesta gravação, as vogais “sussurradas” podem ocorrer em posição tónica ou pré-tónica.

Neste fragmento, temos a sua ocorrência em [sɐ'adu] - posição tónica - e, noutras partes da gravações, [mu'ujɐ] (<morria>, note-se mais uma vez a ditongação de [i] tónico em [uj]) e ainda [ɛperi'gɪɲɐ] (<rapariguinha>), esta última em posição pré-tónica.

Em todos estes casos, verifica-se que as vogais “breathy voiced” presentes neste dialeto são resultado do apagamento da vibrante múltipla uvular [R].

As vogais “breathy voiced” são comuns em algumas línguas do ramo Indo-iraniano, bem como em línguas semíticas. Portanto, quanto à sua origem, se este fenómeno tiver motivação histórica, pensamos que, ou denuncia vestígios de um substrato Árabe na nossa língua, ou, numa hipótese mais remota, de uma das línguas pré-românicas da *Gallaecia Magna* ou da Lusitânia. Nada que nos deva surpreender demasiado, pois um grande estudioso de língua lusitana, Václav Blažek, apesar de não incluir vogais "breathy voiced" na sua tentativa de reconstituição do inventário fonémico do Lusitano, regista várias vezes proximidades entre esta língua e o Índico Antigo, por exemplo; concluindo:

“ (...) the specific isoglosses connecting Lusitanian with Indo- Aryan/Iranian [languages] apparently reflect the peripheral archaisms, which are also typical for Italic and Celtic. ”

(Blažek 2006: 15)

Confirma-se, deste modo, que este fenómeno, se seguirmos a última hipótese, seria uma das evoluções, ainda que mais conservadoras, das laringais do Indo-Europeu, que sobreviveram na periferia geográfica do território ocupado por esta família de línguas.

Sabemos, contudo, que a hipótese de justificação a partir de um substrato (sobre a maioria dos quais ainda temos um conhecimento muito deficiente), ainda que possa parecer interessante, é demasiado arrojada.

Uma explicação mais consensual, porque evidente, mas que não resolve o problema da origem, seria a de que existiria, neste dialeto, uma tendência ocasional para o recuo do ponto de articulação de consoantes soantes, de que também iremos ver um caso mais à frente. Portanto, ao invés de haver uma aproximação (e contacto repetido) entre o pós-dorso da língua e a úvula, o ponto de articulação recuaria e isto resultaria numa constrição da laringe, sem que haja, contudo, qualquer tipo de fricção.

#### 6.5 - Não oposição /v/~/b/

Ao contrário do que têm vindo a dizer os dialetólogos, comprovamos aqui que não há uma clara oposição /v/~/b/ em todos os dialetos madeirenses.

Tal como nos dialetos setentrionais, este fenómeno dá-se nos mais diversos contextos fonológicos: no fragmento que está a ser analisado mais em detalhe e que serve de base a este trabalho, dá-se no início de sílaba e em posição átona, (cf. [b'zɨɲu]). Podemos observar o mesmo em muitos outros momentos da gravação que não o presente, em [bez'ɫɨɲe] - *idem*, [bɨɲe] e [ber] - início de sílaba e em posição tónica, ['obu] - meio de sílaba e em posição átona (este último também foi realizado ora como ['ovu] e ora como ['oβu] pela mesma informante).

Porém, como prova a alternância entre formas /v/~/b/, por vezes na mesma unidade lexical, este é um fenómeno que está a cair em desuso mesmo nas localidades, como esta, mais isoladas da ilha e, como tal, será muito difícil daqui a uns anos registar quais as partes da ilha em que existe e quais aquelas em que não existe esta oposição.

#### 6.6 - Outros traços fonéticos

Ao encontro do que diz a literatura (Cintra 1983: 152; 160-61), encontra-se, efetivamente, o sistema de apenas duas sibilantes pré-dorsais [s] e [z].

A inexistência de [tʃ] também se confirma neste dialeto específico. Contudo, esta realização foi encontrada numa amostra recolhida na freguesia vizinha no contexto de uniões <st> no meio de palavra (que nada tem que ver com o contexto em que é realizado nalguns dialetos do Norte). Assim, o informante produzia a palavra <cesto>, como [ˈsɛʃtʃu], o que denuncia, inequivocamente, a persistência da pronúncia característica do português da Idade Média. De facto, tanto Castro (2013: 127), como Paz (2008: 89) confirmam que este é o fonema que ocupou o lugar do *pl-, cl-, fl-* iniciais do latim. Castro diz ainda que a africada palatal /tʃ/ era um fonema privativo do galaico-português (que não dispunha de tradição gráfica latina, nem ibero-românica central). Mas Paz vai mais longe e, ao falar do sistema de consoantes sibilantes, defende que em Portugal, na Galiza e na maior parte dos territórios de domínio castelhano-leonês, teria havido, em primeiro lugar, um par de consoantes palatais africadas /tʃ/ e /dʒ/, que nalguns dialetos teriam como alofone a fricativa simples.

Se, como já referimos, se observa o apagamento das vibrantes múltiplas, notamos que, por vezes, vibrantes simples são elididas, como denuncia [ˈotu] (<outro>), mas apenas se se encontrarem em ataques ramificados de sílabas pós-tónicas; de resto, elas mantêm-se, como vemos em [troˈsɛʃtʃi].

As mesmas vibrantes ou a vogal “breathy voiced”, neste dialeto, para além dos também atestados em grande parte dos dialetos de Portugal continental [ɲ ʎ ʒ], contribuem para a centralização do /e/ em [ɐ], se este preceder qualquer um dos sons enumerados. Confirma-se este fenómeno em [sɐˈaðu] (<serrado>) e [vɐˈredaʃ] (<veredas>).

Finalmente, este dialeto volta a aproximar-se dos setentrionais através da fricatização/lenição, ainda que não muito frequente, de consoantes oclusivas no meio e palavra, e. g., [iʃkõˈðiðu]. Este fenómeno, no entanto, tendo-se espalhado progressivamente por todo o território, atualmente já se encontra no PE e não só; cf. D’ Andrade, Andrade e Viana, “A fricatização das oclusivas sonoras em português” (1978).

#### 6.7 - *Marcas históricas*

Em último lugar, damos conta da persistência de formas arcaicas, sobretudo ao nível fonológico/morfológico, para além daquelas que já descrevemos, mas também ao nível sintático e lexical.

Em primeiro lugar, distingue-se a manutenção do indefinido [u̯ɐ], segundo Segura (2013: 129), característica de alguns dialetos da Madeira, dos Açores e dos dialetos setentrionais, em vez do usado no português moderno ['umɐ].

De seguida, ao nível morfológico e sintático, mantêm-se como forma de possessivo o “tu” ou “su”, não precedido de qualquer artigo e seguido de nome, algo que se verificou noutros momentos da amostra. Atentemos, então, nos seguintes exemplos de construção de posse, produzidos nos ditos momentos:

- (1) Eu já vi tus irmãs.
- (2) Quando ele saía, levava sempre su saco.
- (3) Nós já estivemos em tu casa.

Retomando as questões fonéticas/ fonológicas, notamos uma forma que nos fará recuar novamente até ao latim clássico. Como sabemos, a realização [ɲ] é resultado, em muitos casos, das uniões <gn>, como por exemplo, “agnus”, que no latim do século XVI (eclesiástico) já era pronunciado como ['aɲus] e que também é visível no francês, e. g., em “campagne”, produzido como [kãpaɲi]. No entanto, em [pki'ninjɐ], em primeiro lugar, observa-se a formação regular do diminutivo com a terminação -inho, o que faz com que a forma na base desta realização não seja ‘pequenino’, mas ‘pequeninho’. Posto isto, a forma <-nh> parece desdobrar-se (recuperando uma provável forma arcaica) <-ng>. Ora, isto põe-nos agora perante outro processo no qual o presumível /g/ se torna nasal por influência do /n/, mas em vez de palatalizar, mantêm-se velar quanto ao modo de articulação, originando o [ŋ]. A presença desta consoante em português não nos deve causar estranheza alguma, pois, quando Haadsma e Nuchelmans (in Castro 1991: 163) nos falam do latim vulgar, já descrevem a existência de uma “occlusive nasale vélaire, notée [ŋ] devant [k g]” (ex.: ancora, lingua) e Lacerda e Hammarström (1952: 122) atestam a sua realização precisamente em palavras como *banco*.

Tememos, no entanto, que deste caso de assimilação restem raros vestígios, que apenas pontualmente são encontrados, visto que a mesma forma pronunciada uma segunda vez já se realiza como [pki'ninjɐ]. Deste modo, retomando o que foi dito em relação à vogal “breathy voiced”, outra explicação plausível seria a de que existiria, neste dialeto, uma tendência ocasional para o recuo do ponto de articulação de consoantes soantes.

Ao nível sintático, encontramos mais uma construção conservadora na nossa língua, *id est*, a preferência para expressar o progressivo do verbo “estar” combinado com gerúndio, como se comprova em ['tave bur'dẽð], em detrimento da forma mais moderna: “estar a”

combinado com o verbo principal no infinitivo. Portanto, será expectável que um falante deste dialeto (bem como dos restantes dialetos madeirenses), produza enunciados como:

- (1) Parti um prato, quando eu estava lavando a loiça.
- (2) Ele estava conduzindo, quando eu lhe telefonei.
- (3) Estás levando esse garrafão para onde?

Note-se ainda, para terminar, que, para o vocábulo <saudade>, preserva-se, neste dialeto, a forma <soidade>, algo que surpreendemos noutro fragmento da amostra, na ocorrência de [soj'daði]; mais um exemplo de conservação do português antigo/médio.

### 7 - *Considerações finais*

Para começar, como demonstra a análise desta amostra (em conjunto com a análise mais superficial feita a outros falantes de localidades vizinhas), podemos concluir que os dialetos madeirenses estão insuficientemente ou apenas parcialmente descritos; facto comprovado pela verificação de casos que, ora adicionam informação em falta aos principais estudos feitos aos mesmos, ora entram em contradição com eles.

De seguida, voltamos a vincar a urgência com que este trabalho deve ser feito. Como vimos, há vários fenómenos que, para além de raros, tendem a um rápido desaparecimento, devido em grande parte ao progresso civilizacional, que, apesar de positivo, deixa estes dialetos menos protegidos e, por isso, mais vulneráveis, o que leva a uma extinção progressiva dos fenómenos que lhes são próprios. Com efeito, por mais reduzidos que sejam os meios que os habitantes desta localidade têm, por enquanto, para sair da mesma, o que ajuda a conservar o seu dialeto, os mesmos em suas casas ouvem emissões de rádio e de televisão e, conseqüentemente, mesmo através de processos inconscientes, começam a imitar as realizações fonéticas das pessoas que neles falam.

Na verdade, o conjunto de fenómenos presentes nesta amostra em concreto é o suficiente para nos permitir pensar sobre a origem geográfica dos colonos desta localidade ou, em jeito de sinédoque, do arquipélago.

Disse “pensar a origem” e não “traçar/ditar a origem”, pois, como vimos, encontramos marcas quer dos dialetos sententrionais, quer dos dialetos centro-meridionais, o que torna esta uma questão de difícil solução. Perante tal cenário, podemos ir por uma via de justificação fácil - a que tem sido geralmente tomada - e considerar que os colonos provinham maioritariamente de uma zona de fronteira linguística entre os grandes grupos dialetais acima referidos, ou seja, vinham da fronteira entre Beira Alta e Beira Baixa ou do Sul (Vasconcellos, 1987: 130).

Nós, por outro lado, não acreditamos nesta hipótese de “monogénese” e tomamos, seguindo a linha de alguns estudos recentes no âmbito da História da Madeira (cf. Albuquerque e Vieira, 1987 e Mello, s/d), a tese da “plurigénese”. Segundo esta última, os povoadores chegaram de distintos pontos do país e agruparam-se em comunidades, cada uma delas com pessoas de diferentes origens geográficas, formando, assim, uma espécie de proto “aldeia global” de pessoas que falavam o português da época, mas com dialetos diversos, tendo acabado por se originar um outro dialeto, fruto dos inevitáveis contágios.

Quanto às marcas próprias deste dialeto ou, pelos menos, às tendências como a palatalização, o recuo do ponto de articulação nas consoantes soantes e a formação de ditongos decrescentes a partir de vogais tónicas, cremos que se trata de marcas de substrato que não sobreviveram nos dialetos do continente por razões históricas, mas que se conservaram nalguns dialetos madeirenses e que, por isso, não devem ser desprezadas.

#### REFERÊNCIAS

- Albuquerque, L.; Vieira, A. 1987. *O Arquipélago da Madeira no Século XV*. Secretaria Regional do Turismo e Cultura: Funchal.
- Andrade, A.; D' Andrade; Viana, M. 1978. A fricativização das oclusivas sonoras em Português. *Reports of the Phonetics and Phonology Group*, 3. Lisboa: CLUL/INIC, 1-36.
- Blazek, Václav. 2006. Lusitanian Language. In *Studia Minora Facultatis Philosophicae Universitatis Brunensis* 11, 5-18.
- Callou, Dinah; Leite, Yonne. 2009. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. (11.ª edição) Rio de Janeiro: Zahar.
- Castro, Ivo. 2013. *Historia de la Lengua Portuguesa* (traducción de Beatriz Peña Trujillo). Bogotá: Instituto Caro y Cuervo.
- Carr, Philip. 2008. *A Glossary of Phonology*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Cintra, Luís Filipe Lindley. 1983. *Estudos da Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- Ferreira, Manuela Barros; Carrilho, Ernestina; Lobo, Maria; Saramago, João; Segura, Luísa. 1996. Variação linguística: perspetiva dialetológica. In Faria, Isabel H. et al. (orgs.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Figueiredo, Ana Cristina. 2011. *Palavras d' aquintrodia: estudo sobre regionalismos madeirenses*. Lisboa: Fonte da Palavra.
- Haadsma, R. A. e Nuchelmans. 1963. *Précis de latin vulgaire*. Groningen: J.B. Wolters, apud Castro, Ivo. 1991. *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Lacerda, Armando e Hammarström, Göran. 1952. Transcrição fonética do Português normal. In *Revista do Laboratório de Fonética Experimental*, I. Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 119-135.
- Mello, Luís de Sousa. (s/d) *Presença Açoriana nos Registos Paroquiais do Funchal*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico.
- Paz, Ramón Mariño. 2008. *Historia de la Lengua Gallega*. E. C.: Lincom Europa.
- Rogers, Francis Millet. 1946. Insular Portuguese Pronunciation: Madeira. In *Hispanic Review*, XIV, n.º3, Filadélfia.
- Schane, Sanford. 1984. *The Fundamentals of Particle Phonology*. Phonology Yearbook.



- Segura, Luísa. 2013. Variedades dialetais do Português Europeu. In Raposo, Eduardo *et alii* (orgs). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Silva, António Marques da. 2013. *Linguagem Popular da Madeira*. Funchal: Direção Regional dos Assuntos Culturais.
- Vasconcellos, José Leite de. 1987. *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. 3.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- [www.google.pt/maps/place/Jardim+da+Serra/@32.6911563,-17.0056203,5166m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xc605ec7e3a25655:0x5503ee74ee59a1ef!8m2!3d32.6876865!4d-16.9919424](http://www.google.pt/maps/place/Jardim+da+Serra/@32.6911563,-17.0056203,5166m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xc605ec7e3a25655:0x5503ee74ee59a1ef!8m2!3d32.6876865!4d-16.9919424) (acedido em 16 de junho de 2016)